



Análise aos resultados dos questionários

Aplicados às Crianças e Jovens acompanhadas pelo Projeto Rua (2021)

O país e o mundo têm vivido momentos de grandes desafios em consequência da grave crise sanitária provocada pela pandemia COVID19.

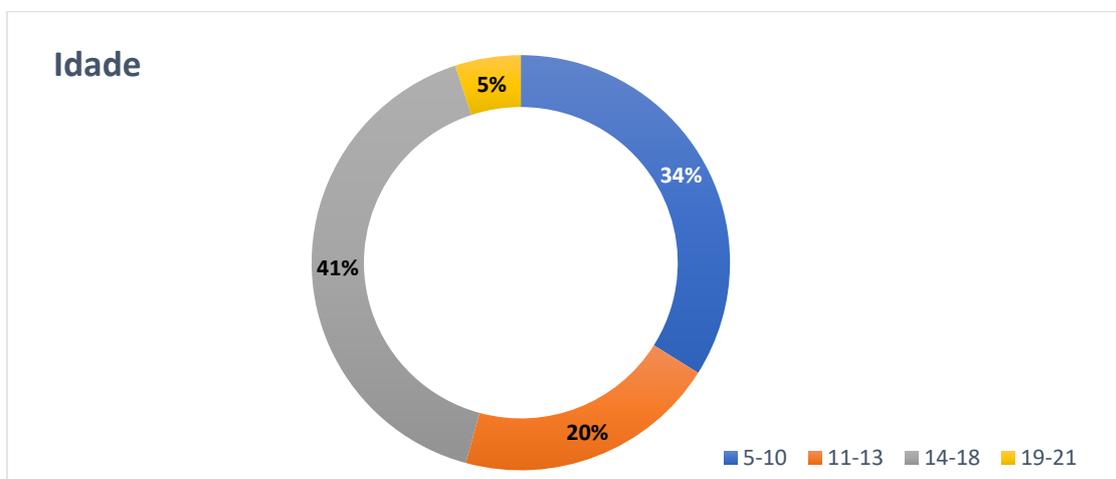
O Instituto de Apoio à Criança – Projecto Rua, por via dessa circunstância, foi obrigado a introduzir alterações relativamente aos métodos utilizados no acompanhamento às famílias.

Foram criadas novas estratégias que nos permitem continuar a dar o apoio necessário aos agregados mais vulneráveis. Não podendo estar próximos fisicamente, pelo menos com a intensidade habitual, continuamos a trabalhar para garantir que todos os seus direitos sejam assegurados.

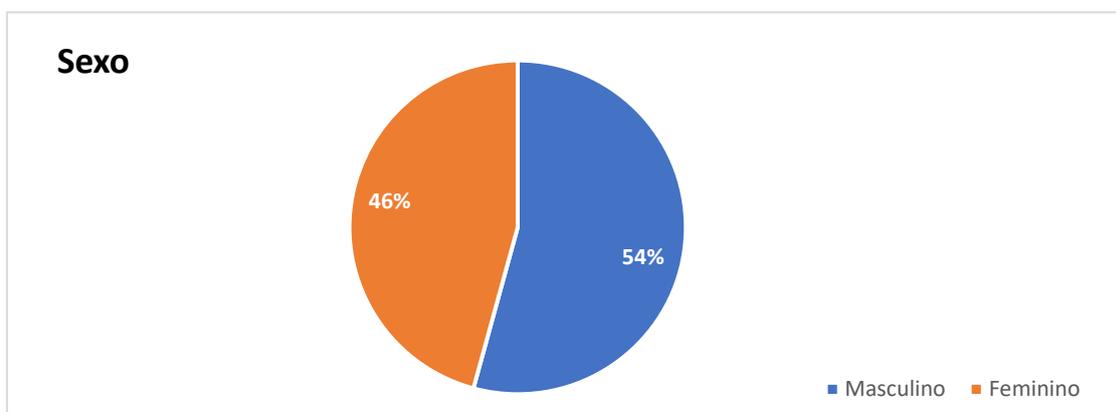
Neste sentido no que diz respeito ao Direito à Educação, durante os meses de fevereiro e março de 2021, foi realizado um questionário que espelha a realidade escolar de um grupo de 59 crianças e jovens acompanhadas pelo Instituto de Apoio à Criança-Projecto Rua.

A aplicação dos referidos questionários serve o propósito de analisar, se nas fases em que o ensino não pode ser realizado de forma presencial, os alunos têm tido ao seu dispor, as condições necessárias para garantir um bom desempenho escolar. E ainda perceber se as famílias se encontram munidas de recursos que asseguram e promovem a ligação aluno/escola.

Os resultados que se seguem, traduzem as respostas ao questionário realizado no período acima referido.



A maioria dos jovens que responderam ao questionário (41%) tem idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos; 34% idades entre os 5 e os 10 anos e 20%, idades entre os 11 e os 13 anos. Apenas 5% tem idade entre os 19 e os 21 anos.

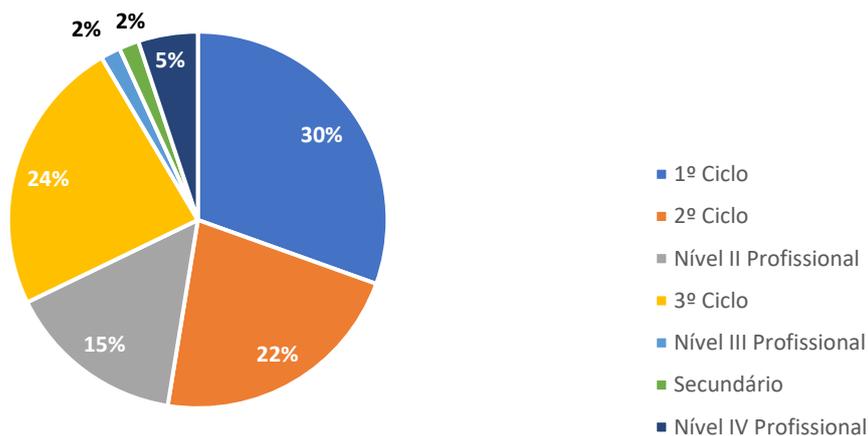


Relativamente ao sexo, 54% da amostra é masculina e 46% é feminina. Apesar dos valores relativos mostrarem uma diferença de 8%; em termos absolutos podemos constatar que estamos de facto a falar de uma diferença de 5 crianças/jovens. Este dado particular ajuda-nos a constatar que estamos perante uma amostra representativa da realidade social que o IAC-Projecto Rua, conhece de facto.

Fazendo referência ao nível de ensino que os jovens estão a frequentar, é possível constatar que a maioria dos jovens se encontra no 1º e 2º ciclo (30 e 22% respetivamente).

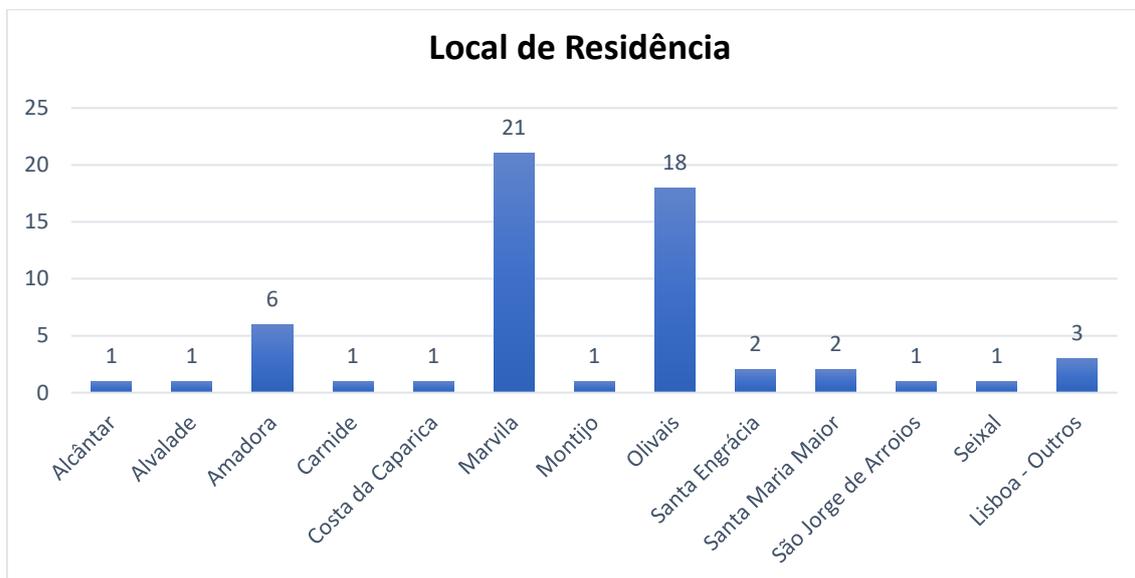


Nível de ensino que frequentam

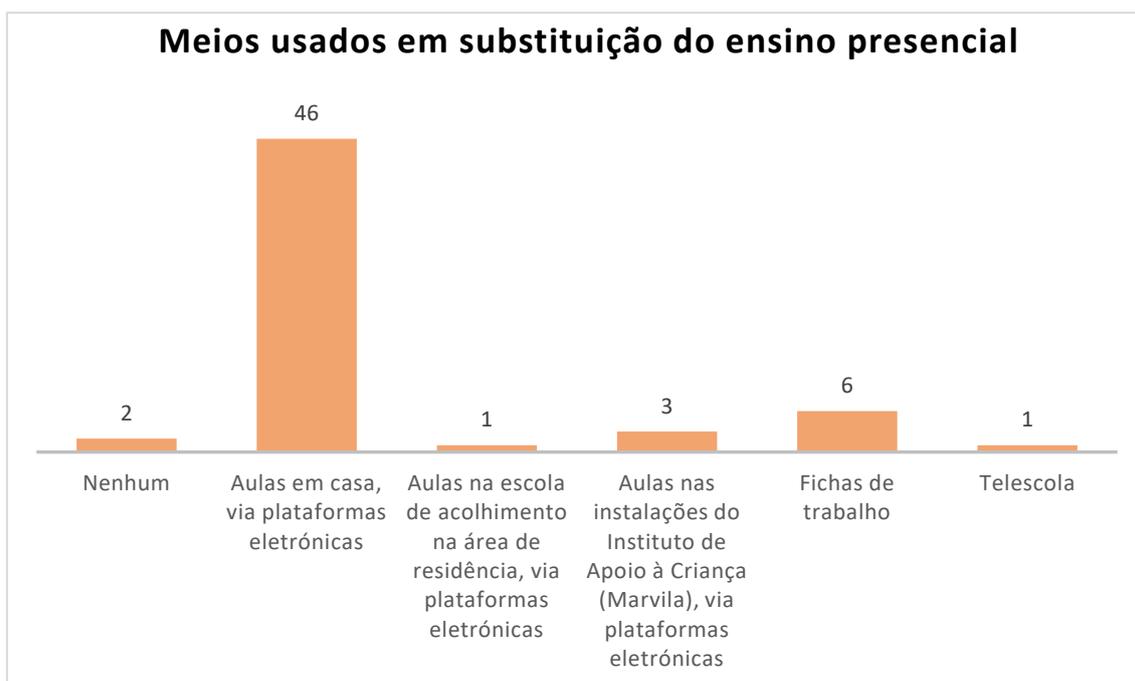


O número de jovens no 3º ciclo (24%) é muito idêntico aos que estão no ensino profissional (21%). Este número, nomeadamente o de jovens a frequentar o ensino profissional confirma as dificuldades que os nossos jovens têm tido para concluir com sucesso o ensino regular. Esta constatação é ainda reforçada pelo resultado seguinte: apenas 2% (1 jovens em termos absolutos) frequenta o ensino secundário.

A maioria dos jovens inquiridos reside na zona oriental de Lisboa: Marvila (21) e Olivais (18). Os restantes apresentam uma proveniência mais diversificada, nomeadamente: outras freguesias de Lisboa e ainda concelhos situados na zona metropolitana de Lisboa, como Amadora, Montijo e Seixal.

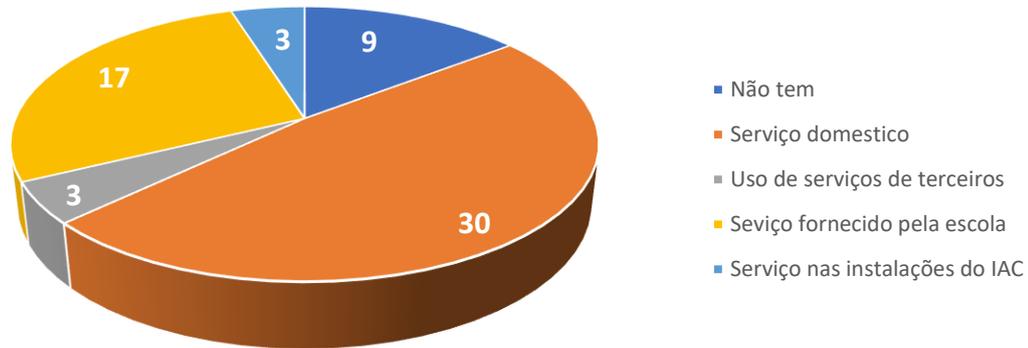


Relativamente aos meios utilizados em substituição ao ensino presencial, a maioria mantém contacto com a escola. Apenas 2 crianças/jovens verbalizaram não manter qualquer ligação com a escola. Esta situação, que em circunstâncias escolares normais configuraria uma situação de abandono escolar, é justificada com a dificuldade ao acesso a meios tecnológicos (como se poderá aferir nas questões seguintes).



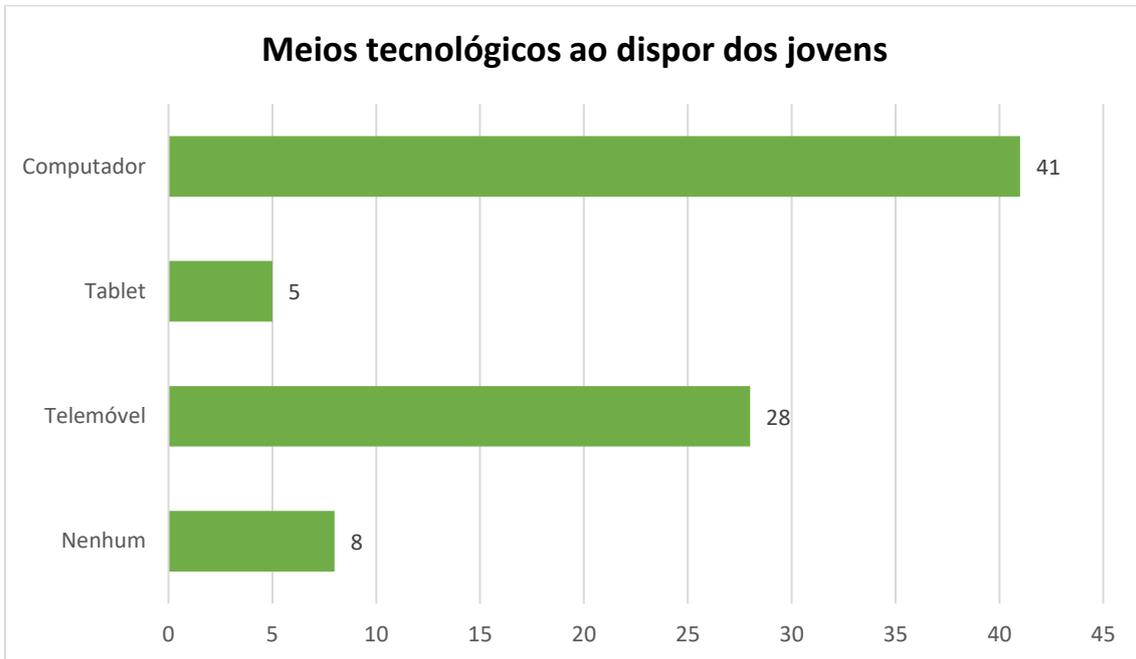


Acesso a internet

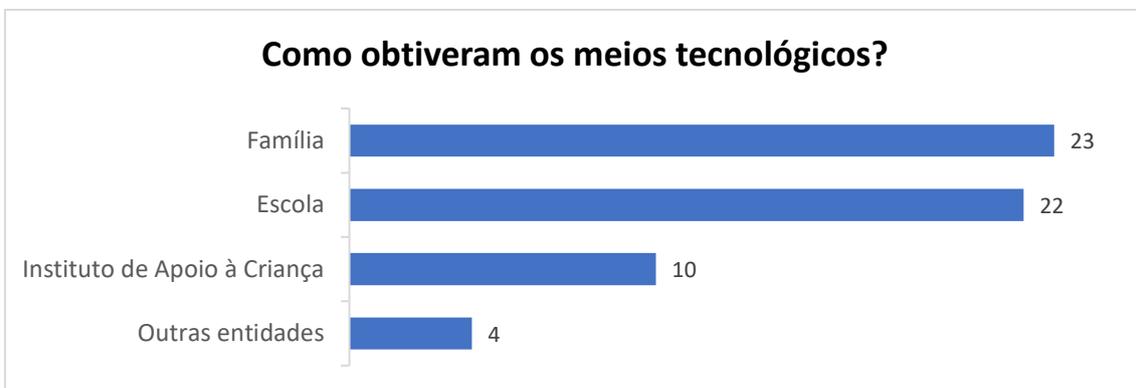


Na questão do acesso a internet, apenas 5% dos jovens afirma que não tem nenhuma forma de aceder, a restante maioria conseguiu arranjar forma de o fazer. A grande parte (48%) através do serviço que já tinha em casa, 27% consegue com equipamento fornecido pela escola, 9% assistem as aulas nas instalações do Instituto de Apoio à Criança (Marvila) e outros 5% dizem que conseguem ligar-se a internet em casa, mas através do serviço dos vizinhos.

A maioria dos jovens inquiridos (41), possui computador e 28 telemóvel, sendo que 23 destes acumulam o computador com o telemóvel/ tablet. 5 com Tablet e apenas 8 não têm qualquer maio tecnológico.



Dos jovens inquiridos (8), não possuem qualquer tipo de meio tecnológico, 7 aguardam que lhes seja cedido equipamento informático, e 1 não sabe.



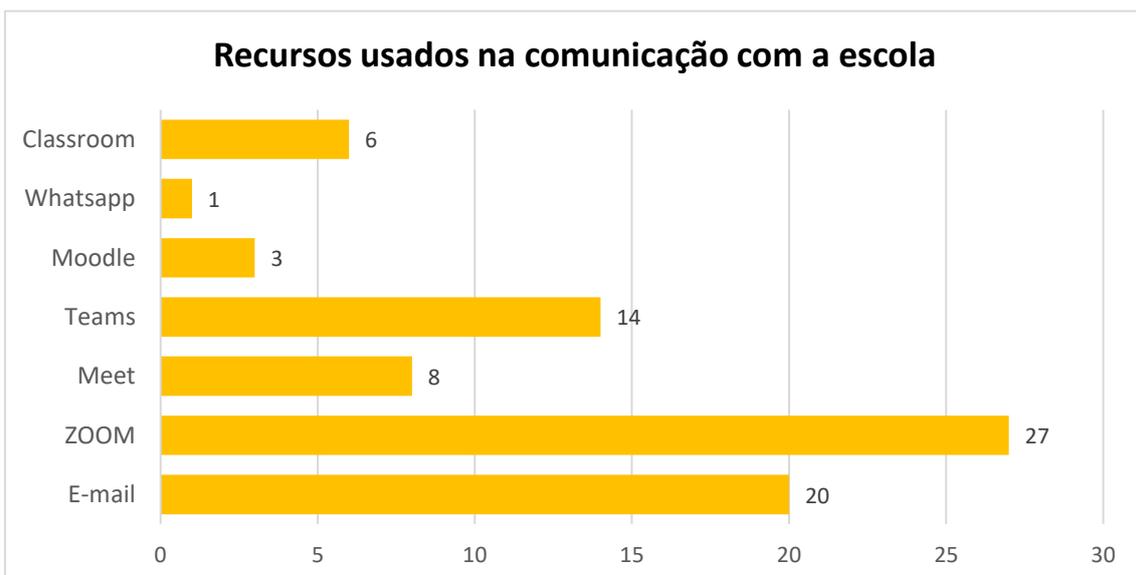
O acesso aos referidos meios tecnológicos especifica-se por: 23 dispositivos adquiridos pela família; 22 cedidos pela escola; 10 disponibilizados pelo Instituto de Apoio à Criança e 4 por outras entidades.

No que diz respeito aos meios tecnológicos, a larga maioria utiliza o computador, seguido do telemóvel. Existem ainda crianças que utilizam o tablet como recurso.



Neste 2º confinamento, verificou-se que o meio tecnológico mais utilizado, foi o computador, isto deveu-se ao esforço efetuado pela escola e por outras instituições (como verificamos nos gráficos anteriores) que conseguiram que 36 famílias tivessem acesso a equipamentos informáticos (computadores e tablets).

Com o intuito de colmatar a falta de material informático e/ou qualquer forma de aceder à internet que alguns jovens ainda apresentaram, os respetivos professores optaram por recorrer a fichas de trabalho que os alunos poderiam levantar nas escolas.

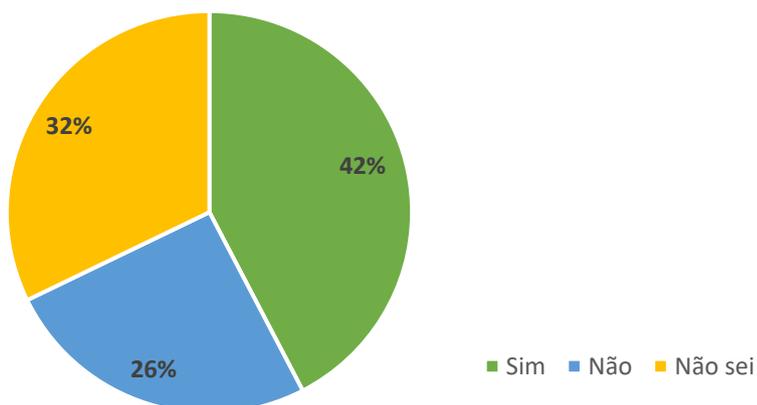


Quanto aos recursos utilizados na articulação com a escola, a maioria das famílias e alunos, utilizam o “Zoom” e o e-mail. Os restantes, utilizam outros meios para comunicar com a



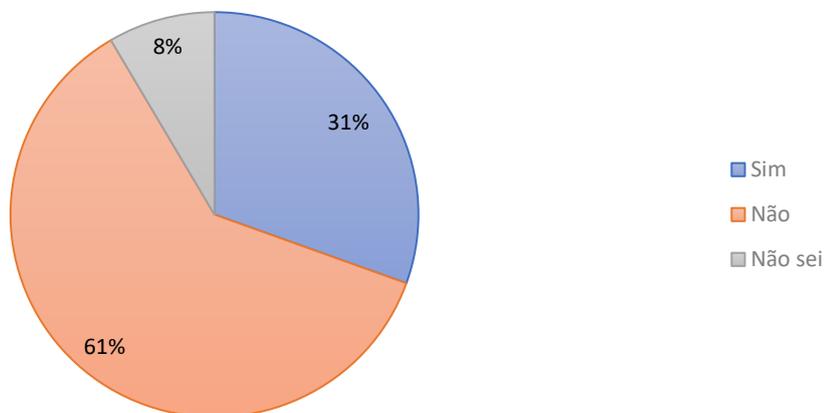
escola, nomeadamente, aplicações (que podem ser acedidas através do telemóvel) como o “WhatsApp”, o “Classroom”, “Google Meet” e “Microsoft Teams”.

Os meios utilizados pela escola são os adequados à aprendizagem dos diferentes conteúdos?



Quando confrontados com a pergunta, “se os meios utilizados pela escola são os adequados à aprendizagem dos diferentes conteúdos”, a maioria afirmou que sim (42%). 32% não tem opinião formada (outros terão dito “mais ou menos”) e 26% afirma não serem adequados. Quando questionados com possíveis sugestões que a ser implementadas poderiam tornar este sistema mais satisfatório, as crianças e os jovens responderam que gostariam de ter ao seu dispor meios tecnológicos mais adequados (computadores e impressora).

Gostam desta nova forma de aprender





Instituto de Apoio à Criança

Quando colocada a pergunta, “Está a gostar desta nova forma de aprender”, 61% referiu que “não”, 8% respondeu “não sei” e 31% respondeu “sim”. Esta questão está longe de atingir a unanimidade e a justificação dos registos mais negativos, terá sido a falta de acompanhamento ou o acompanhamento insuficiente e a falta de alguém para tirar dúvidas.



Conclusão

Nas alturas de maior crise económica e social, as desigualdades sociais são também proporcional e tendencialmente agravadas.

A Educação, unanimemente reconhecida como uma via privilegiada para contrariar a pobreza e a exclusão social, encontra-se assim, ainda mais condicionada.

Apesar do esforço que o Estado, autarquias e outras instituições realizaram este ano comparativamente ao ano anterior, nomeadamente ao nível do proporcionar acesso aos meios informáticos necessários, com vista a promover e garantir o Direito à Educação, as medidas e métodos introduzidos continuaram, de algum modo, a apresentar-se como insuficientes tendo sido, no entanto úteis na minimização dos danos provocados por um absentismo (presencial) forçado.

Em famílias caracterizadas por diversas fragilidades, como as que o IAC acompanha, esta questão faz-se sentir ainda com mais intensidade, pela ausência de meios e recursos de tecnologias de informação e comunicação relevantes (no início do 2º confinamento em 59 jovens, apenas 23 tinham computador) e pela falta de hábitos e literacia tecnológica.

Esta novo modelo de ensino, afasta as nossas crianças/jovens de aspetos importantes como o respeito pelo ritmo e necessidades individuais; a interatividade entre aluno e professor (com o esclarecimento de dúvidas e questões); as relações entre pares; as rotinas escolares diárias, entre outras.

Em meios sociais em que o sistema escolar é desvalorizado e o investimento dos pais na educação (formal e informal) dos filhos é limitado, as crianças e os jovens veem num contexto destes, demasiados obstáculos para conseguir almejar resultados escolares satisfatórios.

É esperançoso aguardarmos que o próximo ano letivo seja mais próximo da “normalidade escolar”.

Contudo e caso não seja de todo possível retomar a normalidade tão aguardada, seria desejável que crianças e jovens como as que acompanhamos diariamente, pudessem no futuro vir a dispor de mais meios tecnológicos adequados e beneficiar de um acompanhamento mais



Instituto de Apoio à Criança

próximo e personalizado. A continuação do ensino nos atuais moldes e circunstâncias, constitui um retrocesso civilizacional, que agrava a pobreza e a exclusão social e o coloca em causa o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo.